

# MECANISMOS DE NOMEAÇÃO NA TOPONÍMIA BAIANA COLONIAL

**IAGO SANTIAGO\***

Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Feira de Santana, BA, Brasil.


Recebido em: 30 maio 2023. Aprovado em: 29 abr. 2024.

Como citar este artigo: SANTIAGO, I. Mecanismos de nomeação na toponímia baiana colonial. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 24, n. 2, p. 292-311, maio/ago. 2024. DOI: 10.5935/cadernosletras.v24n2p292-311

## Resumo

O presente trabalho consiste em um estudo toponímico em que foram analisados 212 topônimos de base portuguesa registrados em três mapas da Capitania da Bahia de Todos os Santos. O *corpus* foi extraído de documentos que se encontram disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional e cuja datação foi atribuída entre o período de 1761 a 1807. Também é apresentada uma proposta de classificação dos mecanismos de nomeação voltada para a realidade brasileira. Foram identificados 104 processos de nomeação descritiva, 86 processos de toponimização e 22 híbridos. Por fim, destaca-se neste trabalho a

---

\* E-mail: [igsantiago@uefs.br](mailto:igsantiago@uefs.br)  
 <https://orcid.org/0000-0003-2799-1871>

contribuição descritiva da toponímia baiana do período colonial e a teórico-metodológica, a partir da proposta de análise dos mecanismos de nomeação.

## Palavras-chave

Toponomástica. Mecanismos de nomeação. Toponímia baiana.

## INTRODUÇÃO

A onomástica é a disciplina linguística que se ocupa das questões teóricas e metodológicas que envolvem o estudo dos nomes e do processo de nomeação. Apesar da grande diversidade tipológica de nomes, a onomástica conta com duas disciplinas mais desenvolvidas: a antroponomástica, voltada ao estudo dos nomes próprios de pessoas, e a toponomástica, ao estudo dos nomes próprios de lugares. Assim, a toponomástica, subdisciplina da onomástica, tem por objeto de investigação uma das mais produtivas formas de nomeação e uma das que mais preservam, na estrutura de seus constituintes, os vestígios do complexo processo nominativo: a toponímia. Ao investigarem os aspectos linguísticos, históricos e ambientais, “os estudos toponímicos revelam, além de informações sobre o topônimo, dados interessantes sobre a história do lugar e da(s) sociedade(s) que nele estiveram” (Santiago; Barreiros, 2020, p. 5297).

A pesquisa toponímica consolidou-se como disciplina autônoma no início do século XX, a partir da publicação de *Les noms de lieux*, de Aubert Dauzat (1926), alcançando um alto grau de desenvolvimento na década de 1950, com diversos centros na América e na Europa. No Brasil, após uma larga tradição de estudos etimológicos, Maria Vicentina Dick (1980), em sua tese intitulada *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos*, introduz uma abordagem propriamente onomástica, com um método de classificação taxonômica direcionado à realidade toponímica brasileira.

O presente artigo consiste em um estudo dos mecanismos de nomeação na toponímia baiana setecentista de base portuguesa, tendo como *corpus toponymicum* os topônimos registrados no *Mapa da Comarca da Bahia*, composto por três mapas produzidos entre os anos de 1761 e 1807, segundo a datação proposta por Havre (2019), disponíveis no Acervo Digital da Biblioteca Nacional. O estudo dos topônimos presentes nos mapas mostra-se

relevante para os estudos toponímicos na Bahia por apresentarem dados de microtopônimos do sertão baiano, algo raro nos mapas do período, além de formas variantes para topônimos já analisados a partir de outros *corpora*.

Neste artigo, discute-se acerca do estudo dos mecanismos de nomeação, proposta rejeitada por Dick (1990, 1992), que possibilita a compreensão sobre as maneiras de nomear, considerando os diversos tipos de descrição linguística utilizados pelos nomeadores e as modalidades não descritivas de nomeação, especialmente os deslocamentos dentro do próprio diassistema toponímico. Em seguida, apresentam-se a análise quantitativa dos mecanismos de nomeação nos dados analisados da toponímia baiana colonial (Santiago, 2021) e algumas considerações sobre os resultados.

## ESTUDO DOS MECANISMOS DE NOMEAÇÃO

Os nomes de lugar surgem de um processo complexo de nomeação. Dick (1990) ressalta o duplo aspecto motivado da nomeação, a motivação para nomear, a parte não linguística do processo e a motivação semântica, a sua dimensão linguística. Na primeira, o nomeador é motivado a atribuir um nome a um determinado lugar. Essa intencionalidade do nomeador, condicionada por fatores sócio-históricos, culturais, psicológicos e ideológicos, resulta em uma atividade mental que relaciona processos cognitivos gerais à cognição linguística, em sentido estrito. Na esfera linguística, o nomeador seleciona dentro do seu léxico mental, no caso das nomeações espontâneas, ou do léxico disponível, em casos sistemáticos de nomeação, as unidades mobilizadas por essa atividade cerebral para compor o sintagma toponímico.

No entanto, além da motivação externa, intencionalidade, e da motivação linguística, seleção lexical, existem os mecanismos de nomeação que consistem no *modus operandi* do processo de nomeação (Tent; Blair, 2011). Enquanto a motivação semântica refere-se ao significado das bases lexicais utilizadas no processo de nomeação, o mecanismo de nomeação refere-se ao processo cognitivo que gerou a nomeação, ou seja, a forma como o nomeador mobiliza o significado desses itens a fim de alcançar o seu objetivo, quer por meio da composição de uma descrição direta do lugar ou da reutilização de outro nome. Para Stewart (1954), o estudo dos mecanismos de nomeação consiste em um campo essencial na pesquisa onomástica, em detrimento da motivação

externa e dos fatores psicológicos subjacentes à nomeação, que não podem ser sistematicamente analisados. Enquanto a análise da motivação semântica apresenta uma maior importância do ponto de vista dialetológico e sociocultural, o estudo dos mecanismos de nomeação se mostra relevante sob um viés cognitivo.

A rejeição a uma abordagem sistemática dos mecanismos no Brasil teve início na filiação de Dick às taxonomias usadas por Dorion e Hamelin (1966), Dorion e Poirier (1975) e pela maioria dos toponimistas americanos e europeus que buscavam descrever os aspectos semânticos da seleção lexical. A atitude da autora foi justificável, num primeiro momento, em que se fez necessário adotar um modelo para descrever uma realidade linguística ainda não explorada. Além disso, as categorias empregadas por Stewart (1954) diferiam muito das usadas para as línguas latinas e tinham sido pensadas para um diassistema toponímico que difere da realidade brasileira em muitos aspectos, tanto do ponto de vista linguístico quanto cultural, fatores que poderiam ter contribuído para a escolha.

Entretanto, não foi apenas a diferença linguística e cultural que fez com que o modelo fosse rejeitado, mas algumas das críticas feitas por Dick sobre as falhas do modelo de estudo dos mecanismos também se mostraram pertinentes. É o caso do problema com os *eufemistic names*, que representavam uma projeção futura, categoria criticada pela autora por conta da insegurança nas causas determinativas e que foi removida pelo próprio Stewart (1975), ao apresentar uma reformulação do modelo, provavelmente pela sua difícil aplicabilidade. Em seguida, outros problemas foram apontados no método reformulado de Stewart (1975), por Tent e Blair (2011), que destacaram casos de sobreposição de algumas taxes, assim como categorias muito amplas e outras muito restritas. Características essas que, inclusive, também podem ser identificadas na proposta de Dick (1992), como é o caso dos locais de culto, que são, ao mesmo tempo, hierotopônimos e sociotopônimos, ou na desproporção entre os hierotopônimos, que abrangem uma enorme quantidade de elementos, e os hodotopônimos, que apenas agrupam as vias de comunicação. De fato, estabelecer um modelo descritivo sem sobreposições e com uma distribuição proporcional das categorias é um problema que a toponomástica ainda não conseguiu superar.

Dick (1992) também argumenta que categorias de Stewart (1954), como *folk etymologies*, etimologias populares, *manufactured names*, nomes fabricados, poderiam não ser encontradas em todos os sistemas onomásticos, o que não

foi confirmado tampouco negado pelas pesquisas posteriores. Sobre a atuação da etimologia popular na toponímia brasileira, é possível mencioná-la como um mecanismo de mudança, atuando no processo de ressignificação de topônimos opacos. A forma *Camisão* (AH, BA), por exemplo, corresponde a designativos atribuídos a dois acidentes próximos em períodos anteriores à sua nomeação, a Serra do *Camisão* e a Aldeia *Camisão*, no entanto a explicação mais difundida se baseia em um relato popular do “homem do camisão”, considerado o primeiro habitante da localidade, fato não comprovado historicamente (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958). Assim, o topônimo apresenta dois estágios semânticos: um proveniente do deslocamento do nome de um acidente adjacente e outro da ressignificação estabelecida pela população local com base na análise de seu significante, provocada pela opacização do primeiro mecanismo.

A necessidade de um contínuo retorno ao passado histórico também foi tomada como argumento contrário à adoção do estudo dos mecanismos (Dick, 1990), porém, com a aplicação do modelo de Dick, notou-se que uma abordagem dissociada da pesquisa sócio-histórica apresenta muitas limitações, devendo ser executada apenas quando não houver documentação disponível. Em contrapartida, as principais informações sobre os mecanismos de nomeação podem ser encontradas na própria estrutura linguística do topônimo, em sua relação com o léxico mental do nomeador, onomástico e não onomástico, que resulta do diassistema linguístico em que está inserido.

O estudo dos mecanismos de nomeação, proposta de Stewart (1975), por sua vez, passou por análises e reformulações, cujo direcionamento mais recente foi o estruturado pelos pesquisadores australianos do *Australian National Placenames Survey* (Anps) Tent e Blair (2011). A iniciativa dos toponimistas partiu do princípio de que um modelo taxonômico de classificação baseado nos mecanismos de nomeação deveria evitar sobreposições, imprecisões e ambiguidades. Para a elaboração das taxonomias, os autores consideraram dez modelos de classificação toponímica propostos por pesquisadores de localidades e abordagens distintas, voltadas à toponímia geral e à toponímia de línguas originárias. Em seguida, eles apresentam com detalhes os problemas encontrados na forma como as propostas sistematizam as categorias toponímicas e propõem um método de organização das taxes que parte da análise dos componentes semânticos dos mecanismos de nomeação, tendo como escopo o banco de dados de topônimos australianos do Anps. O resultado foi a

identificação de oito componentes semânticos básicos que se organizam de forma binária (ver Figura 1), com base nos quais foi possível distinguir nove categorias nominativas na toponímia australiana.

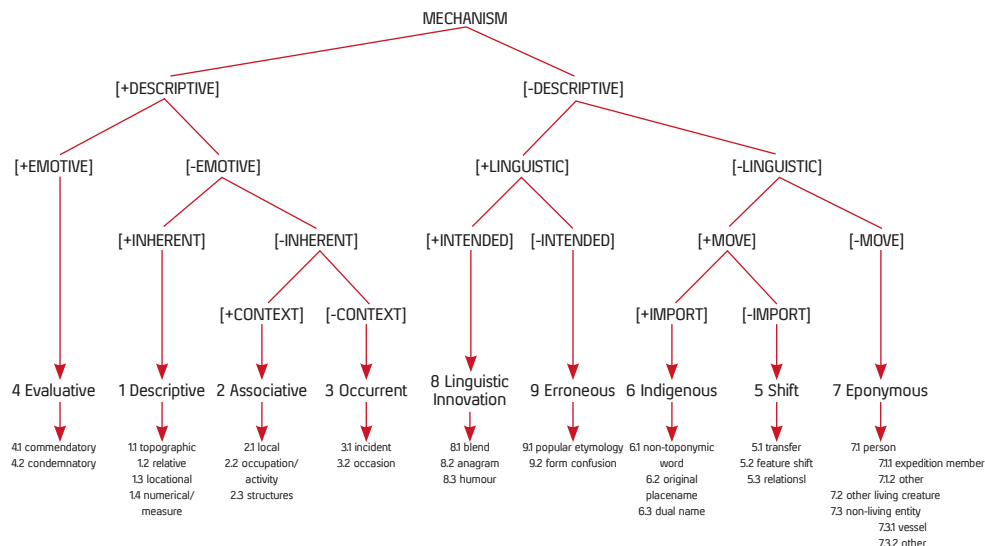


Figura 1 – Componentes semânticos dos mecanismos de nomeação

Fonte: Tent e Blair (2011, p. 83).

Quadro 1 – Tradução da tipologia toponímica do Anps

0	<b>Desconhecido</b> – em que o significado, a referência, o referente ou a origem do topônimo são desconhecidos.
1	<b>Descritivo</b> – indicando uma característica inerente ao acidente.
1.1	<b>Topográfica</b> – descrevendo a aparência física de uma característica qualitativa ou metaforicamente (por exemplo, Cape Manifold, Steep Point, Point Perpendicular, Broken Bay, Mount Dromedary, Pigeon House Mountain, Cape Bowling Green, Pudding-pan Hill).
1.2	<b>Relativo</b> – indicando a posição de um acidente em relação a outro, cronológica ou espacialmente (por exemplo, South Island versus North Island, North Head versus South Head, Groupe de l'Est versus Groupe de l'Ouest, Old Adaminaby).
1.3	<b>Locacional</b> – indicando o local ou a orientação de um acidente (por exemplo, Suyt Caap, Cape Capricorn, South West Cape).
1.4	<b>Numérico/medição</b> – medindo ou contando elementos de um acidente nomeado (por exemplo, Three Isles, Three Mile Creek, The 2 Brothers, Cape Three Points).

(continua)

Quadro 1 (continuação)

2	<b>Associativo</b> – indicando algo que está sempre ou frequentemente associado ao acidente ou ao seu contexto físico.
2.1	<b>Local</b> – indicando algo de natureza topográfica, ambiental ou biológica, visto ou associado ao acidente (por exemplo, Lizard Island, Shark Bay, Palm Island, Green Island, Botany Bay, Magnetic Island, Cornelian Basin, Oyster Bay, Bay of Isles, Ocean Beach).
2.2	<b>Ocupação/atividade</b> – indicando uma ocupação ou atividade habitual associada ao elemento (por exemplo, Fishermans Bend).
2.3	<b>Estruturas</b> – indicando uma estrutura fabricada associada ao recurso (por exemplo, Seven Huijsien (Sete Casas), Telegraph Point).
3	<b>Ocorrência</b> – registrando um evento, um incidente, uma ocasião (ou data) ou uma ação associada ao acidente.
3.1	<b>Incidente</b> – registrando um evento, incidente ou ação associada ao acidente (por exemplo, Cape Keerweer (Cabo Dar a Volta), <i>Indian Head</i> – onde Cook avistou pessoas aborígenes na praia –, Cape Tribulation – onde o navio de Cook atingiu um recife –, Smokey Cape – onde Cook relatou ter visto fogueiras nativas).
3.2	<b>Ocasião</b> – reconhecer uma época ou data associada ao acidente (por exemplo, Whitsunday Islands, Pentecost Island, Trinity Bay, Paasavonds land (Terra da Véspera de Páscoa), Restoration Island, Wednesday Island, St Patrick's Head, Ile du Nouvel-An (Ilha do Ano-Novo).
4	<b>Avaliativo</b> – refletindo a reação emocional do nomeador ou uma forte conotação associada ao acidente.
4.1	<b>Recomendatório</b> – refletindo/propondo uma resposta positiva ao acidente (por exemplo, Hoek van Goede Hoop (Ponto da Boa Esperança), Fair Cape, Hope Islands, Ile de Remarque (Ilha Notável)).
4.2	<b>Condenatório</b> – refletindo/propondo uma resposta negativa ao acidente (por exemplo, Mount Disappointment, Passage Epineux (Passagem Tortuosa), Baie Mauvaise (Baía Ruim)).
5	<b>Deslocamento</b> – uso de um topônimo, no todo ou em parte, de outro local ou acidente.
5.1	<b>Transferência</b> – transferido de outro local (por exemplo, Pedra Brancka, Rivier Batavia, † Eijlandt Goeree, Orfordness, River Derwent, Lion Couchant, Cap du Mont-Tabor).

(continua)

Quadro 1 (continuação)

5.2	<b>Deslocamento adjacente</b> <sup>1</sup> – copiado de um recurso adjacente de um tipo diferente (por exemplo, Cape Dromedary, próximo a Mount Dromedary, Pointe de Leeuwin, adjacente a 't Land van Leeuwin, Cap Frederick Hendrick, ao redor de Frederick Hendrix Baij).
5.3	<b>Relacional</b> – usando um qualificador dentro do topônimo para indicar orientação de um topônimo adjacente do mesmo tipo de acidente (por exemplo, East Sydney < Sydney, North Brisbane < Brisbane).
6	<b>Índigena</b> – importando um topônimo ou uma palavra indígena para o sistema introduzido.
6.1	<b>Palavra não toponímica</b> – importar uma palavra indígena, não sendo um topônimo (por exemplo, Charco Harbour de “charco” ou <i>yir-ké</i> – “uma exclamação de surpresa”).
6.2	<b>Nome do local original</b> – importando o topônimo indígena já usado para esse local ou acidente (por exemplo, Parramatta, Turramurra).
6.3	<b>Dual name</b> – restaurando um topônimo indígena original como parte de um processo de dupla nomeação (por exemplo, Uluru/Ayers Rock, Kata Tjuta/ Mount Olga).
7	<b>Epônimo</b> – comemorando ou homenageando uma pessoa ou outra entidade nomeada usando um nome próprio, título ou substituto de epônimo como topônimo.
7.1	<b>Pessoa(s)</b> – usando o nome apropriado de uma pessoa ou grupo para nomear um acidente.
7.1.1	<b>Membro da expedição</b> – em que a pessoa nomeada é membro da expedição (por exemplo, Tasman Island, Point Hicks, Crooms River, Labillardiere Peninsula, Huon River).
7.1.2	<b>Outros</b> – em que o acidente recebe o nome de uma pessoa eminente, patrono, oficial, nobre, político, membro da família ou amigo etc. (por exemplo, Maria Island, Anthonio van Diemensland, Cape Byron, Terre Napoleon, Cap Molière, Prince of Wales Island, Princess Royal’s Harbour, Cap Dauphin, Ile de la Favourite).
7.2	<b>Outra entidade viva</b> – usando o nome próprio de uma entidade viva não humana para nomear um recurso (por exemplo, Norseman – nome de um cavalo –, Banana – nome de um boi).

(continua)

1 O termo original é *feature shift* (deslocamento do acidente), e optou-se por adotar uma terminologia mais objetiva em português.



Quadro 1 (continuação)

7.3	<b>Entidade não viva</b> – usando o nome próprio de uma entidade não viva para nomear um recurso (por exemplo, Endeavour River, Arnhem Land, Tryall Rocks, Cap du Naturaliste, Pointe Casuarina, Pantjallingns hoek after the Nova Hollandia).
7.3.1	<b>Navio</b> – nomeado após um navio, geralmente um associado à “descoberta” (por exemplo, Endeavour River, Arnhem Land, Tryall Rocks, Cap du Naturaliste, Pointe Casuarina, Pantjallingns hoek – depois Nova Hollandia).
7.3.2	<b>Outro</b> – nomeado após uma entidade não viva nomeada (por exemplo, Agincourt Reefs – depois da batalha –, Vereenichde Rivier – depois do Dutch United Provinces).
8	<b>Inovação linguística</b> – introdução de uma nova forma linguística por meio da manipulação da linguagem.
8.1	<b>Blend</b> – mistura de dois topônimos, palavras ou morfemas (por exemplo, Australind, de “Australia” + “India”; Lidcombe, de “Lidbury” + “Larcombe”).
8.2	<b>Anagrama</b> – usando as letras de outro topônimo para criar uma nova forma anagmática (por exemplo, Nangiloc – reverso de Colignan).
8.3	<b>Humor</b> – usando um jogo de linguagem com a intenção humorística de criar um novo topônimo (por exemplo, Bustmegall Hill, Doo Town).
9	<b>Errado</b> – introdução de uma nova forma por meio de transmissão ilegível, erro de ortografia, significado incorreto etc.
9.1	<b>Etimologia popular</b> – interpretação incorreta da origem de um topônimo, levando a uma corrupção da forma linguística (por exemplo, Coal and Candle Creek from Indigenous “Kolaan Kandhal”).
9.2	<b>Confusão de forma</b> – alteração da forma linguística, de um mal-entendido ou má transmissão da origem.

Fonte: Tent e Blair (2011, p. 85-86, tradução nossa).

O modelo taxonômico organizado, apesar de tomar como critério os mecanismos de nomeação, apresenta subtaxes relacionadas a motivações frequentes no diassistema onomástico australiano. É o caso de taxes contidas no campo dos epônimos (ver item 7), como os nomes de navios, de membros da expedição e de outras entidades vivas, que traduzem contextos bem específicos de nomeação e nem sempre são aplicados em outros diassistemas toponímicos. Todavia, assim como a Austrália, o Brasil passou por um processo de colonização estabelecido por vias marítimas, não sendo improvável a ocorrência desse fenômeno. Um olhar para essas categorias, ainda não identificadas na

toponímia brasileira, revela novas demandas de pesquisa, como a necessidade de investigar os nomes dos navios que aqui aportaram para verificar se essa tendência nominativa também se faz presente em nosso contexto. Contudo, é possível notar que tipos designativos como a hagiotoponímia, bem expressiva na toponímia brasileira, não aparecem no modelo, o que já revela caminhos denominativos divergentes.

É possível também notar que alguns dos traços identificados se encontram evidenciados nas taxes de Dick (1992), como o “+DESCRITIVO”, em especial a descrição de caráter “+EMOTIVO” apresentada por Isquerdo (1996), o “+MOVIMENTO” representado pelos corotopônimos. Algumas outras taxes se apresentam no domínio de mais de um mecanismo, como é o caso dos hitoriopônimos, que podem fazer parte do mecanismo ocorrente (ver item 3), topônimos relacionados a eventos históricos do lugar ou a categoria membro da expedição (ver item 7.1), que podem ser nomes históricos, dependendo do momento da nomeação.

Todavia, o modelo também se mostra limitado, mais pela limitação explicativa diante da complexidade do fenômeno nominativo do que por problemas de estruturação. No caso das categorias “-LINGUÍSTICO”, por exemplo, é possível encontrar a taxe epônimos que resulta de uma sobreposição de traços negativamente marcados, “-DESCRITIVO”, “-LINGUÍSTICO”, “-MOVIMENTO”. A ausência de um traço positivo deixa uma lacuna sobre o tipo de mecanismo utilizado na nomeação. Os epônimos são uma categoria vaga, que pode transitar entre dois tipos distintos de mecanismos: “+CONTEXTO”, quando surgir a partir de uma pessoa que habitava no local, num processo espontâneo de nomeação; ou o que se poderia chamar de “+APORTE”, o aporte de um nome de outro subsistema onomástico, quando se tratar de outros tipos de nomeações em que o antropônimo não partiu de uma forma de descrição metonímica do local. O mesmo não ocorre com o erro, “-PRETENDIDO”, que evidencia o processo de desvio da motivação que o gerou.

Outra limitação é com relação às línguas originárias, consideradas apenas como itens incorporados ao sistema toponímico da língua inglesa. Essa atitude provoca um apagamento da participação das línguas originárias na constituição do diassistema toponímico, assim como impossibilita a identificação dos mecanismos empregados pelos povos originários que, conforme ficou demonstrado pelas pesquisas realizadas ao longo da tradição da toponomástica brasileira, apresentam uma forte tendência descritiva, seja do tipo associativo,

“+CONTEXTO”, descrevendo elementos presentes no terreno, como os zootopônimos atribuídos pelos Bororo, ou um descritivo direto, “+INERENTE”, como cromotopônimos tupis, comuns nos designativos de acidentes hidrográficos.

Da mesma forma que ocorrem com frequência hibridismos de elementos lexicais na construção de sintagmas toponímicos, não é diferente com os mecanismos. No caso já destacado dos hagiotopônimos, é possível notar os traços “+APORTE” e “+MOVIMENTO”, por exemplo, *Sant’anna do Camisão*. Segundo Stewart (1954, p. 12, tradução nossa):

Como uma discussão sobre formas de nomear, no entanto, não pode escapar da consideração de um motivo, podem-se destacar também os motivos que naturalmente resultam em mistos. Teoricamente, pode-se supor que um único motivo e, portanto, um único mecanismo seja sempre predominante, mas mesmo assim, quando um membro tiver duas razões para nomeação, ele nem sempre declara e, sem dúvida, nem sempre pode saber qual era o predominante.<sup>2</sup>

Apesar de ter sido constituído a partir dos mecanismos, o modelo do Anps também apresenta subtaxes pautadas na motivação semântica. Nesse sentido, não se pretende adotar integralmente o modelo apresentado, já que o modelo de Dick (1992) tem se mostrado eficaz na descrição da realidade brasileira. O objetivo desta discussão é o de extrair do modelo de Tent e Blair (2011) as categorias gerais para uma descrição dos mecanismos de nomeação da toponímia brasileira, a partir das quais serão propostas subcategorias por meio da aplicação do modelo ao *corpus toponymicum* deste trabalho. Nesse sentido, apresenta-se, no Quadro 2, um modelo de mecanismos de nomeação, ordenando-os hierarquicamente em três categorias (macro, meso e micro), a partir de adaptações dos mecanismos reunidos na proposta de Tent e Blair (2011): a remoção de algumas categorias, como epônimo, inovação linguística e erro; fusão de outras, como relativo e locacional; ou divisão, como local, dividido em local e adjacente, e deslocamento, dividido em vertical e horizontal; e a inserção de novos mecanismos que não foram abrangidos pelo modelo, como introdução, por acomodação e laudatória, e designação genérica.

2 “Since a discussion of the ways of naming, however, cannot entirely escape a consideration of motive, one can also point out that mixed motives naturally result in mixed mechanisms. Theoretically, one might assume that a single motive and therefore a single mechanism is always predominating, but even when a namer gives us two reasons for the naming, he does not always state, and doubtless he cannot always know, which was the predominating one.”

**Quadro 2** – Proposta de classificação dos mecanismos de nomeação

Macromecanismos	Mesomecanismos	Micromecanismos
<p><b>Descrição</b> Indica uma característica observada no acidente.</p>	<p><b>Inerente</b> Característica própria do lugar nomeado.</p>	<p><b>Designação genérica</b> Designa o acidente utilizando apenas o elemento genérico.</p>
		<p><b>Topográfica</b> Descreve características do acidente de forma literal ou metafórica.</p>
		<p><b>Estrutural</b> Descreve o acidente em relação a outro(s) acidente(s) equivalente(s), enquadrando-o dentro de um conjunto nominativo.</p>
		<p><b>Referencial</b> Descreve o acidente a partir de pontos de referência espaciais ou temporais.</p>
	<p><b>Associativa</b> Característica associada ao lugar nomeado.</p>	<p><b>Local</b> Descreve características do local onde se encontra o acidente.</p>
		<p><b>Adjacente</b> Descreve elementos físicos adjacentes ao local.</p>
		<p><b>Manufaturado</b> Descreve acidentes humanos presentes no acidente ou em locais adjacentes.</p> <p><b>Sociocultural</b> Atividades sociais e culturais retratadas de forma direta ou indireta.</p>
	<p><b>Avaliativa</b> Característica atribuída a partir da avaliação do acidente.</p>	<p><b>Positiva</b> Avalia positivamente o acidente.</p>
		<p><b>Negativa</b> Avalia negativamente o acidente.</p>
	<p><b>Ocorrência</b> Fato ocorrido relacionado ao acidente, seja pontual ou contínuo.</p>	<p><b>Incidente</b> Descreve o incidente ou elementos associados.</p>
		<p><b>Ocasião</b> Descreve a data ou o período associado ao incidente.</p>

(continua)

Quadro 1 (continuação)

Macromecanismos	Mesomecanismos	Micromecanismos
<b>Toponimização</b> Utilização de lexis pertencentes ao léxico toponímico, onomástico ou do universo de discurso a que pertence o nomeador.	<b>Deslocamento</b> Toponimização de um outro nome de lugar.	<b>Transferido</b> Proveniente de um local distante.
		<b>Vertical</b> Proveniente de um acidente integrado ao novo acidente nomeado.
		<b>Horizontal</b> Proveniente de um acidente adjacente.
	<b>Introdução</b> Toponimização de um outro nome ou derivado.	<b>Acomodação</b> Proveniente de nomes próprios do local ou adjacências: antropônimos, títulos, etnônimos etc.
		<b>Laudatória</b> Proveniente de nomes de não residentes do local ou de nomes sagrados, com a intenção de homenagear.

Fonte: Elaborado pelo autor.

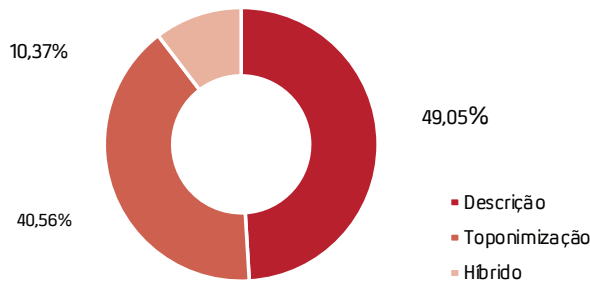
Os macromecanismos referem-se aos mecanismos elementares de nomeação: a descrição, que resulta da composição do texto toponímico, propriamente dito, descrevendo propriedades do lugar ou a ele relacionadas; a toponimização, em que uma lexia passa de outro subsistema de origem, como antropónimo, hagianímico, toponímico, para nomear um lugar. Os macromecanismos refletem as leis gerais do processo nominativo e, por isso, não são, aparentemente, suscetíveis à ampliação. Os mesomecanismos, por sua vez, consistem em um primeiro nível de especificação das formas em que ocorrem os macromecanismos, sendo mais suscetíveis à ampliação, à medida que novos micromecanismos são descobertos, ressaltando novas propriedades. Os micromecanismos são o nível mais detalhado de descrição e o mais suscetível à ampliação a partir da identificação de novas modalidades. Seria possível pensar também em nanomecanismos, no entanto a descrição dessas propriedades exageradamente especificadas se mostraria útil apenas em abordagens direcionadas ao estudo de um micromecanismo em particular.

A introdução de uma metodologia voltada ao estudo dos mecanismos de nomeação na tradição toponomástica brasileira possibilitará, entre outros aspectos, a observação das diferentes maneiras de utilização de uma mesma categoria denominativa para diferentes finalidades, bem como a descrição simultânea de

categorias que se sobrepunham na análise baseada apenas na motivação semântica, como é o caso dos corotopônimos. O destaque dado aos processos de toponimização, em especial os deslocamentos, possibilitará uma descrição mais ampla da dinâmica interna do diassistema toponímico, tanto em sincronia como em diacronia, evidenciando não só os movimentos, mas também as categorias semânticas que se movimentaram. Assim, a análise conjunta dos mecanismos de nomeação e da motivação semântica pode fazer emergir novas questões de pesquisa e novas realidades denominativas antes não evidenciadas.

## OS MECANISMOS DE NOMEAÇÃO NA BAHIA COLONIAL

No que diz respeito aos macromecanismos de nomeação, dos 212 topônimos analisados, foram identificados 104, ou um percentual de 49,05%, nomes atribuídos por um processo descritivo, 86, ou 40,56%, nomes atribuídos por toponimização e 22, ou 10,37%, nomeações a partir de mecanismos híbridos. Esses dados evidenciam que as duas modalidades de nomeação possuem uma frequência significativa, com uma pequena vantagem para a nomeação descritiva (ver Gráfico 1).



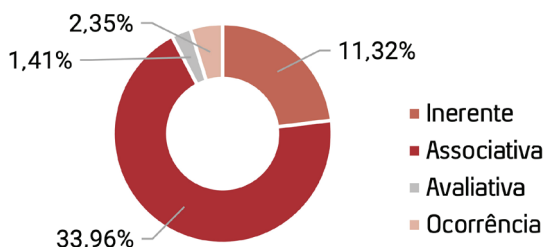
**Gráfico 1** – Macromecanismos identificados no *corpus*

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os mesomecanismos descritivos, apesar de trazerem a diversidade física e antropológica do território baiano no período colonial, aparecem concentrados em duas modalidades de descrição: a inerente e a associativa. Uma parte considerável dos nomes descritivos se encontram nas zonas litorâneas, motivados pela sua geomorfologia, pontas, praias, barras, mas é no interior que se

apresenta uma grande diversidade designativa, com mais nomes inspirados em aspectos naturais, como fitonímia, zoonímia, geomorfonímia e hidronímia, e aspectos culturais próprios da vida sertaneja, como *curralinho* (“cercado de paus para recolher o gado”), *ritiro* (“casa dos vigias do gado hibernado”), *porteira* (“cancela de um cerrado”) e *cercado* (“lugar limitado por tapumes para criação de animais ou plantio”).

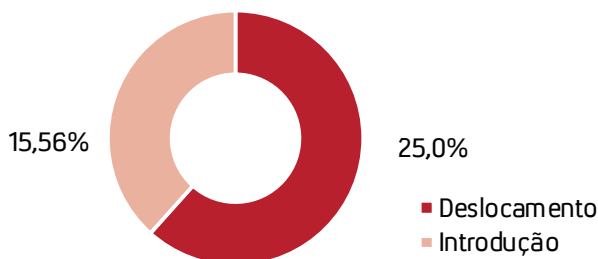
O mesomecanismo descritivo predominante foi a descrição associativa, com 72 nomes, ou 33,96% dos dados, um percentual de 69,23% do total de topônimos descritivos, seguida da inerente, com 24, ou 11,32% de ocorrência, com 5, ou 2,35%, e a avaliativa, com 3, ou 1,41% (ver Gráfico 2). A descrição associativa também predomina nos mecanismos híbridos, com 20 ocorrências dos 22 designativos.



**Gráfico 2** – Distribuição dos mesomecanismos descritivos

Fonte: Elaborado pelo autor.

A toponimização, por sua vez, apresentou uma quantidade significativa de processos de nomeação, com 53, ou 25,0%, deslocamentos das camadas toponímicas precedentes e 33, ou 15,56%, de introduções de formas lexicais não provenientes da toponímia (ver Gráfico 3). Os deslocamentos também ocorrem em 19 dos 22 híbridos.



**Gráfico 3** – Distribuição dos mesomecanismos por toponimização

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com relação aos micromecanismos (ver Tabela 1), é possível observar a preferência em descrever os aspectos físicos no entorno do lugar nomeado, por meio de descrições associativas adjacentes, observando outros acidentes, como *lagoa* e *barra*, que ocorreram em 59, ou 27,83%, dos nomes, ou por meio de associativas locais, que se voltam para aspectos do terreno e da própria localidade em que está o acidente, como *Forte do Mar* e *Campinas*, observadas em 11, ou 5,18%, dos nomes. Também são recorrentes descrições de aspectos antropoculturais, como acidentes humanos, em manufaturado, como *cercado*, com 7, ou 3,30% dos nomes, e atividades sociais e culturais, em sociocultural, como *feira*, com 14, ou 6,60%. A referência a aspectos próprios do acidente é a segunda modalidade descritiva mais frequente, com uma preferência pela designação genérica, como *dique* e *armação*, com 11, ou 5,18%, e pela descrição topográfica, como *Lagoa Seca*, *Rio das Salinas*, com 9, ou 4,24%. Foram encontrados também casos em que o acidente é observado com relação a pontos de referência temporal, como *Rio Velho*, 6, ou 2,83%, e nenhum caso de nomeação estrutural. Os casos de descrições avaliativas e de ocorrência foram menos expressivos, porém cabe destacar os eventos reincidentes relacionados a eventos atmosféricos, como *Terra Cahida*, *Lamarão* e *Ilha da Maré*.

Quanto aos deslocamentos, os que ocorrem dentro do próprio diassistema toponímico são predominantes, com 36, ou 16,98%, deslocamentos verticais, e apresentam uma quantidade significativa de deslocamentos de nomes de igrejas ou capelas que originaram alguns núcleos de povoamento, como *Villa de Santo Amaro* e *Vitoria*; e 30, ou 14,15%, deslocamentos horizontais, de acidentes próximos ao local, mais comuns a acidentes físicos, como *Salgado* e *Villa dos Ilheos*. Os deslocamentos por transferência constituem apenas 2,83% dos micromecanismos identificados, muitos deles relacionados, como já mencionado, aos nomes de vilas portuguesas, como *Villa de Abrandes*, *Villa de Olivenca* e *Villa de Armada*.

A quantidade de introduções também foi significativa, com 12, ou 5,66%, acomodações e 24, ou 11,32%, introduções laudatórias. Algumas acomodações aparecem preposicionadas e elucidam o processo espontâneo de nomeação, como *Ponta do Lobato* e *Pedra de São Tomê*, enquanto outras não, como *Garcês* e *Vieira*. Há acomodações em que foram usados nomes relacionados aos proprietários do território onde está o acidente, como *Engenho do Conde* e *Torre d'Avila*. Com relação às introduções laudatórias, sabe-se que a nomeação hagiônica sempre pressupõe uma homenagem, todavia consideraram-se como introdução laudatória apenas os casos em que não foram identificados



outros acidentes com o mesmo nome nas adjacências, tanto humanos, como igrejas, capelas, quanto físicos, como é o caso do *Rio São Paulo*, localizado próximo à fazenda ou ao engenho de mesmo nome. Todavia, há contextos em que fica evidente a homenagem realizada, como ocorreu com o arraial *São Jorge*, cuja nomeação foi motivada pelo nome do proprietário das terras, Jorge Figueiredo Correa. Assim, mesmo havendo uma capela dedicada a São Jorge na localidade, considerou-se a função laudatória, visto que a fundação da capela foi em um período posterior ao da nomeação do local.

A seguir, são apresentados os micromecanismos identificados, contabilizando a ocorrência também nas formas híbridas, com o intuito de demonstrar a distribuição efetiva desses mecanismos de nomeação.

**Tabela 1** – Distribuição dos micromecanismos

Macromecanismo	Mesomecanismo	Micromecanismo	Quant.	% total
Descrição	Inerente	Designação genérica	11	5,18
		Topográfica	9	4,24
		Estrutural	-	-
		Referencial	6	2,83
	Associativa	Local	11	5,18
		Adjacente	59	27,83
		Manufaturado	7	3,30
		Sociocultural	14	6,60
	Avaliativa	Positiva	1	0,47
		Negativa	2	0,94
	Ocorrência	Incidente	5	2,35
		Ocasão	-	-
Toponimização	Deslocamento	Transferido	6	2,83
		Vertical	36	16,98
		Horizontal	30	14,15
	Introdução	Acomodação	12	5,66
		Laudatória	24	11,32

Fonte: Elaborada pelo autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrever a realidade toponímica de uma área geográfica é uma tarefa árdua, que requer do toponimista, além de um alto grau de erudição que lhe permita transitar entre os conhecimentos linguísticos e não linguísticos, uma espécie de intuição para auxiliá-lo na formulação das hipóteses explicativas. Esse processo de desbravamento do léxico toponímico exige dedicação e tempo, a ser distribuído entre a descrição dos elementos de natureza linguística, que precisam ser observados nos mais variados aspectos, e a sua imersão no universo do nomeador que, muitas vezes, se alicerça em uma lógica totalmente distinta da sua. Nesse sentido, uma das maiores preocupações teórico-metodológicas que a toponomástica deve ter é a de descrever a toponímia sem buscar explicá-la com base em uma lógica particular. Porém, desviar de uma abordagem prescritiva ou projetiva de descrição não é algo que se descobre a partir da reflexão pura, e sim da própria atividade de garimpagem que o toponimista faz para descrever.

Como consequência desse verdadeiro trabalho braçal, a toponomástica expandiu seus horizontes. Ao descrever, descobriu parâmetros que possibilitaram um refinamento das descrições, avançando sempre no processo de detalhamento da complexidade da nomeação. A disciplina deixou, então, de se preocupar com as árvores, retomando as palavras de Stewart (1953), e passou a se preocupar com a floresta, ou melhor, as florestas, que se tornaram cada vez maiores. Primeiro, rompendo a barreira da análise atomística, o nome isolado e fruto de uma realidade distanciada, para pensar o nome elemento sistêmico que interage, ao seu modo, com o diassistema linguístico, com a diversidade de signos, onomásticos ou não, já que é a partir dele que é formado.

Na intenção de ampliar os olhares acerca da toponímia baiana, apresentou-se nesta pesquisa uma outra proposta de estruturação dos topônimos sobre a suposição de que ela poderia aumentar o potencial descritivo da análise da motivação semântica. Como resultado, foi possível observar que os deslocamentos são significativos dentro do diassistema toponímico; que a descrição associativa foi muito mais frequente do que a inerente, havendo um maior interesse do nomeador em descrever o seu entorno do que o próprio acidente; e que mecanismos distintos podem ser usados na nomeação a partir das mesmas bases semânticas. Todavia, assim como as propostas de Stewart (1954, 1975) e Tent e Blair (2011) foram ampliadas para atender às necessidades desta

pesquisa, novas realidades podem suscitar ampliações no modelo, elevando o seu potencial descritivo, como poderá ocorrer à toponímia proveniente de outros estratos.

## Naming mechanisms in colonial Baiana toponymy

### Abstract

The present dissertation is a toponymic study in which 212 Portuguese-based toponyms registered on a map of the Capitania da Bahia de Todos os Santos were analyzed. The corpus was extracted from three documents that are available in the digital collection of the Biblioteca Nacional and their dating was attributed between the period from 1761 to 1807. It is also presented a proposal to classify the naming mechanisms focused on the Brazilian reality. Were identified 86 processes of descriptive naming, 104 of toponymization and 22 hybrids. Finally, the descriptive contribution of the Bahian toponymy of the colonial period and the theoretical-methodological contribution, based on the proposed analysis of the naming mechanisms, stand out in this work.

### Keywords

Toponomastics. Naming mechanisms. Baiano toponymy.

## REFERÊNCIAS

- DAUZAT, A. *Les noms de lieux: origine et evolution*. Paris: Delagrave, 1926.
- DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxeo-nômicos*. 1980. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.
- DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1990. (Edições Arquivo do Estado).
- DICK, M. V. de P. do A. *Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.
- DORION, H.; HAMELIN, L.-E. De la toponymie traditionnelle à une choronymie totale. *Cahiers de Géographie du Québec*, v. 10, n. 20, p. 195-211, 1966.

DORION, H.; POIRIER, J. *Lexique des termes utiles à l'étude des noms de lieux*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 1975.

HAVRE, G. van. Cartografia do interior bahiano. Uma análise de três mapas anônimos do século XVIII. *Confins*, v. 39, 2019. DOI: 10.4000/confins.17410

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1958. v. XX.

ISQUERDO, A. N. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. 1996. 409 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1996.

SANTIAGO, I. G. *A nomeação na Bahia setecentista: estudo da toponímia de base portuguesa no Mapa da Capitania da Bahia de Todos os Santos (1761-1807)*. 2021. 236 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

SANTIAGO, I. G.; BARREIROS, L. L. S. Entre o sertão e o litoral: a toponímia nos textos de Eulálio Motta publicados no jornal *Mundo Novo*. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 5292-5310, out./dez. 2020.

STEWART, G. R. A classification of place names. *Names*, Berkeley, v. 2, n. 1, p. 1-13, 1954.

STEWART, G. R. *Names on the globe*. New York: Oxford University Press, 1975.

STEWART, G. R. The Field of the American Name Society. *Names: A Journal of Onomastics*, v. 1, n. 2, p. 73-78, 1953.

TENT, J.; BLAIR, D. Motivations for naming: the development of a toponymic typology for Australian placenames. *Names*, Berkeley, v. 59, n. 2, p. 67-89, 2011.